

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Ceixeira
 Assinatura para Portugal, colonias e Hespanha | Assignatura conjuncta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa

.....	4\$800	Anno.....	8\$000	Trimestre.....	2\$000
.....	2\$400	Semestre.....	4\$000	Mez (em Lisboa).....	700
.....	1\$200

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — Rua Forosa

EDITOR — José Joubert Chaves



CLICHE DE BERTHOLINI

Summario

Capa: PROCISSÃO DA SAUDE — NA TREVA ETERNA, 16 illust.—CASAMENTO ELEGANTE, 5 illust.—DEZ DIAS DE LAZARETO, 11 illust.—ULTIMO DUELLO, 11 illust.—DO LOBITO AO BICHE: O CAMINHO DE FERRO DE BENGUELLA, 25 illust.—NAS AZAS DE ICARO AO AEROPLANO DE SANTOS DUMONT, 6 illust.—A MARQUEZA DE POMARES, 3 illust.—AS PORTAS DA CIVILIZAÇÃO: MARROCOS, 13 illust.—A PROCISSÃO DA SAUDE, 23 illust.—FIGURAS E FACTOS, 7 illust.

A seda suíssa

É A MELHOR

Feçam as amostras das nossas sedas, noviçadas de primavera e de verão para vestidos e blusas.

Chiques, tafetás de lustro, Louisine para de dia, **Muscotte** 120 cm. de largura das 16 fr. 1,25 a metro, em preto, branco, lila - phantasia, assim como blusas e vestidos ou **batista bordada**.

Vende-se as nossas sedas em atadas solidas directamente aos particulares e traço de porto ao domicilio.

Schweizer & Co.
LUCERNE Z. 20 (SUISSA)
Exportação de sedas

Vende-se em todas as relojoarias de 100 mil.



O passado, presente e futuro reveado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard



Diz o passado e o presente e prevê o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Peio estudo que fez das sciencias, chiromancias, pronomeia e physionomia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lombroso, d'Arpenigney, Madame Brouillard percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada por numerosos clientes da mais alta categoria, e a predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e espanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, rua do Carmo, sobrelouja. Consultas a 4\$000, 2\$500 e 5\$000.

Violet SABÃO REAL
DE THRIDACE
PARIS Sabão "Veloutine"
Branco, jaleo medicinal, Higieniza a Pele e Alivara do Dente

PRINCIA NOUVEAU PARFUM VIOLET

29, B^e des Italiens, PARIS

Bicyclettes

MÁCHINAS FALLANTES E DISCOS DE MARCA

SIMPLEX, o melhor que ha e por preços sem competencia. Bicyclettes das celebres marcas

SIMPLEX, B. S. A., ALLRIGHT, LINON e IMPERIAL. Accessorios para bicyclettes e motocyclettes. Grande deposito das melhores machinas fallantes e dos celebres discos de marca

SIMPLEX, os melhores que ha. Tudo novidades. Variadissimo repertorio de musica e cantos das maiores celebrações artisticas. Preços excepçoes para a Africa, Brazil e colonias. Pedir catalogos de bicyclettes, machinas fallantes e discos a J. CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro, 48, e Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 - LISBOA



das maiores celebrações artisticas. Preços excepçoes para a Africa, Brazil e colonias. Pedir catalogos de bicyclettes, machinas fallantes e discos a J. CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro, 48, e Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 - LISBOA

UNION MARITIME E MANNHEIM
Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A Companhia La Union y el Felix Español, rua da Prata, 89, 1^a, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusive o seguro denominado POLICULAR para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa:

LIMA MAYER & Co

RUA DA PRATA, 59, 1^a - Lisboa

Somatose

Reconstituinte de primeira ordem.

Estimula fortemente o appetite.

Farbrenfabrikon vorm. Friedr. Bayer & Co., Elberfeld.

Companhia de Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianista e Sobresimbo (Tomar), Penedo e Casal d'hermoio (Louza), Valle Mate (Abergarria a Velha.)

Lisboa - 270, Rua da Princesa, 276
Porto - 48, Rua de Passos Manuel, 11

ENDEREÇOS TELEGRAPHICOS: Lisboa, Companhia Prado
Prado - Porto - Lisboa - NUNERO TELEPHONICO: 34

Companhia de Papel do Prado

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES - FORNECEDORES da CASA REAL

NESTLÉ

FARINHA LACTEA
32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa
PREÇO 400 RÉIS

Agente em Paris: Camille Lipmann, 26, Rue Vignon

NA TREVA ETERNA.

PEDE-SE O FAVOR
DE NÃO LASTIMAR
A SORTE DOS CEGOS.



Desde ha seis annos em Lisboa e desde ha quatro no Porto, que existem escolas para o ensino intellectual e profissional dos cegos, fundadas por um disvelado philanthropo, o sr. Branco Rodrigues, que tem consagrado uma boa parte da sua vida a esta obra benemerita. Ambas as duas instituições teem lutado com a estreiteza constante de recursos para viverem e prosperarem, mas, apesar d'isso, em uma e outra se tem obtido resultados lisongeiros e valiosos, que a *Illustração Portugueza* considera interessante pôr em evidencia

resultados lisongeiros e valiosos, que a *Illustração Portugueza* considera interessante pôr em evidencia

Em um distico, que se reproduz por todas as paredes das escolas Branco Rodrigues,

«Pede-se o favor de não lastimar a sorte dos cegos.» E' natural exprimir a commiserção que se experimenta ao pensar na dolorosa situação dos pobres que nada vêem, nem o céu, nem o sol, nem as flores, — nem sequer o amavel rosto das mães que os acariciaram no berço; mas parece que no espirito dos infelizes infunde uma enorme tristeza escutar a piedade enternecida que se commove com a sua desgraça. Conhecendo-a sem remedio, procuram esquecer-se d'ella, e acabam por alcançar uma conformidade resignada com a sua sorte cruel. Quando os lastimam, porém, lembram-se e amarguram-se, revoltam-se contra a desigualdade do que são victimas, sofrem duplicadamente pela sua doença infausta e pela sua humilhante anormalidade. Escreveremos, por isso, este artigo, sem os deploramentos,



Aula de gymnastica da escola do Porto

que estão espontaneos em todos os corações, e para espantar a meiancolia invencivel d'essa vida tragica na treva eterna, evocaremos exactamente as phisionomias alegres, de labios risonhos sob olhos apagados, da duzia de creanças que vimos, ha dias, na pequena aula da pequena escola de Lisboa, percorrendo com os dedos subtis as paginas dos livros em que os versos dulcissimos de João de Deus, por exemplo, se encontram transcritos no alphabeto de Braille.

E' na antiga casa em que morou o professor Serano, em uma rua tranquilla e socegada, apesar de ficar a dois passos da Avenida. Toca-se a campainha, e apparece-nos logo a abrir a porta, com a carinhã viva e sympathica illuminada por um intenso raio de curiosidade, um pequenito cego, cujos olhos mortos não se arredam mais da nossa direcção. Parece que tenta *ver-nos*, examinar-nos, medir-nos. Como sabe um cego quantas pessoas se encontram numa sala, e os logares que occupam? Alguns conhecem pela



Alumnas da escola de Lisboa trabalhando em obras de malha



voz a idade e a estatura das pessoas.

Todos os sentidos se apuram nos cegos, para suprir a falta do da vista. O ouvido torna-se de uma acuidade extraordinária, o olfacto de uma requintada finura, e o tacto de uma tal sensibilidade que chegam a adivinhar a côr dos objectos apalpando-os. E' assim que as meninas que bordam podem distinguir o algodão branco do encarnado. A proposito occorre citar uma maliciosa anedocta attribuida ao genial cego auctor do *Paraizo Perdido*. Milton era casado com uma senhora bastante formosa, mas de genio algum tanto irascivel, ao que parece. Conversando uma vez com um amigo, que elogiava a gentileza da esposa, o poeta confirmou, dizendo:

—E' realmente bella como uma rosa!

—Decerto, mas não podendo vê-la, como sabeis que é uma rosa?

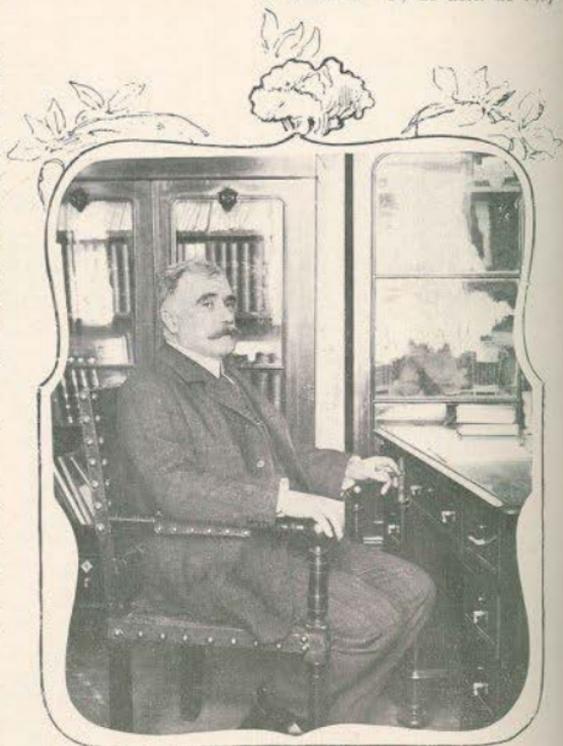
—Ah! porque lhe sinto os espinhos.

Certo é que o desinvoltimento excepcional adquirido pelos outros sentidos é o elemento que se aproveita essencialmente na educação dos cegos. Na escola de Lisboa vimos, por exemplo, dois alumnos differençarem com facilidade, pelo tacto rapido, varias qualidades de grãos e de farinhas. O milho branco do amarello, o feijão encarnado do preto e do branco, a fariã de trigo da de arroz e de outras, os assucares do sal, a cinza das farinhas, etc., tudo os ceguinhos distinguem sem se enganarem habitualmente. A finura do tacto é que permite aos cegos, de resto, o poderem ler. O alfabeto inventado por Louis Braille, e hoje adoptado universalmente, é conhecido de quasi todas as pessoas, para que seja necessário determo-nos aqui com uma larga explicação. Os seus caracteres especiaes são em relevo, servindo-se os cegos para os escreverem de um punção e de uma regua metallica, e usando de um papel grosso em que as letras traçadas ficam naturalmente mais salientes. Assim se escrevem cartas e livros, bem como musicas, para que o sistema Braille tem tambem uma notação apropriada. Da mesma forma, os caracteres communs escrevem-se e imprimem-se igualmente em relevo, havendo mesmo numerosos livros feitos por esse modo.

Dar-lhes a felicidade de poderem ler é maior beneficio prestado aos cegos. E' como uma restituição parcial da vista que se lhes faz. Nas



Grupo de alumnos internos da escola do Porto



O sr. Branco Rodrigues fundador das escolas de cegos em Portugal

escolas de Lisboa e do Porto ha presentemente bibliotecas, numerosas já, contendo as obras dos nossos mais notaveis prosa-

dores e poetas antigos e modernos, e as d'alguns dos grandes escriptores estrangeiros, copiadas e generosamente offercidas por dois benemeritos typhlophilos portuguezes, a sr.ª D. Maria da Madre de Deus Pereira Coutinho e o medico, sr. dr. José Gonçalves Curado. E é com uma satisfação, que transparece de uma maneira bem evidente na sua attitude, que os pobres ceguinhos manuseiam os seus livros: o prazer espirital que nos desperta, a nós, a leitura, de um canto dos *Lusiadas* ou de uma pa-



Retrato do director da escola do Porto sr. Miguel Motta

na elegante de Garret, é sem duvida para elles ábrado.

Mas nas escolas Branco Rodrigues não se ensina, apenas a ler, escrever e contar, as disciplinas da instrução primaria, emfim; ensina-se tambem gymnastica, musica, modelação e trabalhos manuaes, e ensina-se-lhes ainda francez. Ha um alumno da escola de Lisboa que toca piano, com muito sentimento e brio; o secretario da escola, um rapaz de rosto agradável e risonho, que percorre toda a cidade com o maior desembaraço, denunciando evidentemente um desenvolvimento especial do sentido da orientação, é, ao que nos dizem, um racketista habilissimo. As meninas occupam-se com trabalhos de malha, tão bem acabados que até se diria serem feitos por videntes. Para os cegos masculinos ha officinas destinadas

ao ensino do fabrico de cestos, gaiolas, pinceis e escovas.

Taes são as installações que actualmente comportam as duas escolas fundadas em Lisboa e Porto. Mas cumpre saber, é preciso, mesmo, accentuar que essas installações, por completo que seja o programma que realisam, se encontram restringidas o mais possivel na sua actividade pela escassez das condições economicas em que vegetam. Uma iniciativa persistente e tenaz, embora seja de aço como a do sr. Branco Rodrigues, só com o concurso de alguns subscriptores dedicados, por muito valioso que seja, e é, não pode fazer a decima parte sequer do que é preciso.

Em 1903 o sr. Branco Rodrigues fez um inquerito sobre os cegos existentes em Portugal, obtendo como resultado o numero de 7:281, dividido quasi por igual entre os dois sexos. Sabe-se, porém, a certeza muito aleatoria que deve attribuir-se aos trabalhos es-



Um pianista cego



Officinas de pinceis e obras de madeira na escola de Lisboa

Um cego palheiro

Fabricando escovas

Trabalhos de cesteiro e gaioleiro na escola do Porto



tatísticos no nosso paiz, e por maioria de razões a este, constituindo uma primeira tentativa no seu genero e desajudado de todos os auxilios da intervenção official. O algarismo apresentado deve, portanto, considerar-se bastante inferior á realidade. Portugal é, infelizmente, uma das nações da Europa em que existe maior numero de cegos, e por isso não anda-



Edifício da escola de Lisboa

remos muito longe da verdade calculando-os no minimo de 8.000. Haverá, mesmo, porventura mais, e o que sobretudo contrista é ouvir a afirmação positiva de um ophtalmologista de que a cegueira de dois terços d'esses desgraçados é devida á falta ou ao mau tratamento de doenças curaveis.

Em todo o caso, supponhamos que são 8.000 cegos que existem no paiz. D'esses, a maior parte, coitados, são indigentes. Como não de chegar para acudir-lhes, com os seus minguados recursos, provindos da caridade quasi exclusivamente, as duas



Edifício da escola do Porto



Cegos fazendo gymnastica, com o respectivo professor sr. Alberto Cosmelli

escolas de Lisboa e do Porto? Em cada uma d'ellas cabem, quando muito, duas duzias de alumnos. E o restante exercito de desventurados?! Não quer saber d'elles o Estado deshumano, e a esmola avulsa é, como sempre, pouco proficua. No papel, existe, comtudo, decretado o ensino official dos cegos em Portugal ha dez annos. Simplesmente, nunca tal lei recebeu qualquer sombra de execução pratica, jamais houve um ministro que sentisse no coração um movimento compadecido de dó pelos infelizes que não vêem.

Por toda a parte a sorte desventurada dos pobres cegos se considera, mais que outra qualquer, digna de attenção. Todas as almas se confrangem perante o espectáculo horroroso que é o soffrimento tragico da cegueira, e nenhum outro receio como o de experimental-o lança para dentro d'ella maior onda de pavor. Taes motores são os que por toda a parte determinam o carinhoso desvello com que se tratam os ceguinhos. Em obediencia a elles é que tem acudido o auxilio com que até aqui teem sido, só com uma protecção muito restricta do governo, sustentadas as escolas Branco Rodrigues.

Ma preciso que esse generoso movimento de caridade se afervore ainda mais, para que esta primeira e louvavel iniciativa conquiste maior amplitude e outros possam proseguir a tarefa iniciada. Para isso bastará recordar que não ha decerto desgraça maior do que a cegueira e que não pode, consequentemente, haver tambem outra mais digna de piedade.

Ha um exemplo, modesto pelas circumstancias apertadas em que vive, mas radioso pela belleza dos resultados: cumpre seguir-o.



Carlos Nunes, secretario da escola de Lisboa

VIDA MUNDANA

UM CASAMENTO ELEGANTE



Os noivos, srs. marquezes d'Alegrete

nhecidas e estimadas nos centros aristocraticos da capital, onde teem conquistado a admiração e a ami-



A sr.^a condessa de Tarouca, mãe do noivo, entrando na igreja do Coração de Jesus

zade de todas as pessoas que teem tido a honra de se lhes approximar, pela nobreza do seu caracter e fidalgos dotes do seu espirito.



Irmãs dos srs. marquezes d'Alegrete



s. marquez d'Alegrete entrando na igreja do Coração de Jesus



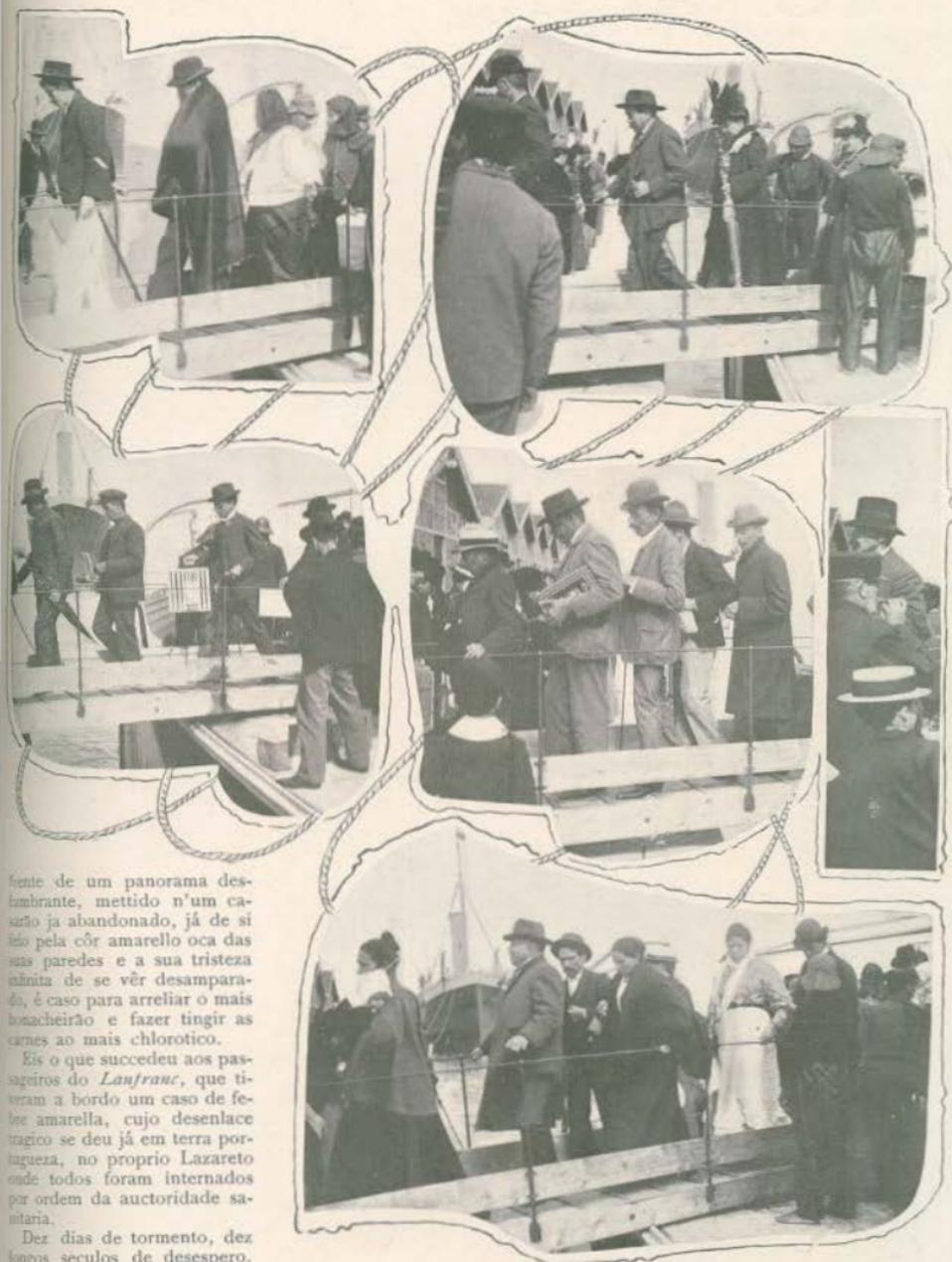
Depois do casamento—Saindo da igreja do Coração de Jesus
(Clichés de Benoit)

DEZ-DIAS-DE-LAZARETO



METTER-SE um cidadão a bordo de um vapor, em viagem de recreio, com toda a sua família, o seu pagagaio e o seu *harmonium* para o *lundum* das noites estrelladas, quando a vaga canta uma canção de melancolia batendo lentamente no costado do monstro, — e vê-se, inopinadamente, à sua chegada á terra promettida, por um dia de luminoso sol, em

A pressa com que elles desembarcam! — Esperando os quarentenarios — Um 'mperturbavel' — Não vão elles arrepende-se... — Um grupo de reclusos no Lazareto — Toca a safar!...



frente de um panorama deslumbrante, mettido n'um casarão já abandonado, já de si tido pela côr amarello oca das suas paredes e a sua tristeza súbita de se vêr desamparado, é caso para arreliar o mais bonacheirão e fazer tingir as carnes ao mais chlorotico.

Eis o que succedeu aos passageiros do *Lanfranc*, que tiveram a bordo um caso de febre amarella, cujo desenlace tragico se deu já em terra portuguez, no proprio Lazareto onde todos foram internados por ordem da auctoridade sanitaria.

Dez dias de tormento, dez longos seculos de desespero. E pensar que outros seriam mais felizes, singrando por estas aguas fóra, e iriam desembarcar livremente em terras mais descuidadamente hospitaleiras, sem Lazaretos, sem visitas, sem incomodos!

Mas não. Os dez enclausurados de Lisboa tiveram a consolação de saber que os seus companheiros de viagem não foram mais felizes do que elles.

Mas soou finalmente a hora de ouro da sahida;

Nem o sol da liberdade o aquece! — Lepidos e contentes — Perce se tudo... menos o papagaló! — O «harmonium» companheiro de tristezas — Os últimos que desembarcam

e como um bando de aves a que o encerramento na gaiola tivesse tirado toda a alegria e todo o appetite de viver, elles ahi vieram, respirando a plenos pulmões, sobraçando avaramente e amorosamente o seu papagaio e o seu *harmonium* que ha de um dia gemer em outras noites estrelladas, no regresso, a fadiga e o aborrecimento d'esses longos, angustiosos minutos...

O ultimo duello



Dr. Cassiano Neves, medico
por parte do sr. conselheiro
José de Alpoim



Conselheiro José de Alpoim



Conselheiro Antonio Cabral



Dr. Santos Crespo, medico
por parte do sr. conselheiro
Antonio Cabral



Dr. Egas Moniz,
testemunha do sr. conselheiro
José d'Alpoim



Uma das pistolas que serviu ao duello



Um instantaneo do duello



Conselheiro Augusto J. da Cunha,
testemunha do sr. conselheiro
Antonio Cabral



Visconde da Ribeira Brava,
testemunha do sr. conselheiro
José d'Alpoim



Outra pistola que serviu ao duello



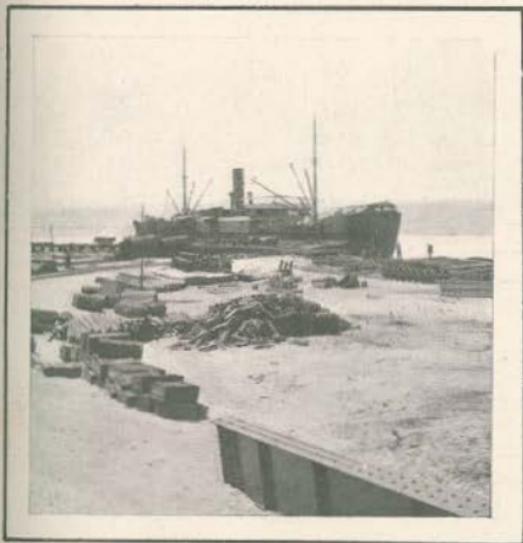
Dr. Moreira Junior,
testemunha do sr. conselheiro
Antonio Cabral

Realisou-se no dia 19 de abril, na Serra de Monsanto, um duello á pistola, entre os srs. conselheiros José d'Alpoim e Antonio Cabral. Trocaram-se duas balas sem resultado. Os contendores não se reconciliaram.



DO LOBITO AO BIHÉ

O CAMINHO DE FERRO DE BENGUELLA



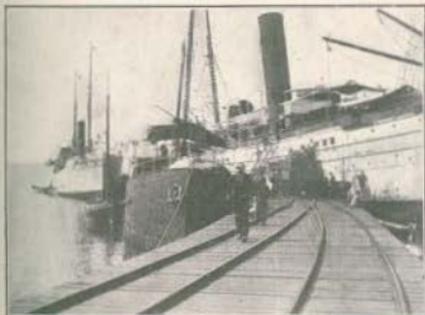
Vista do pateo do Lobito, com o vapor *Elaine* na ponte

O grande instrumento de civilização e de desenvolvimento económico na Africa é o caminho de ferro, e n'este sentido a linha em construção de Benguella representa sem dúvida um valioso elemento incitador do progresso de Angola. A sua influencia benéfica começou mesmo a demonstrar-se de um modo pratico tão evidente desde que os primeiros lanços foram abertos á exploração provisoria,

paixão politica! Por fortuna o ministro do tempo era o sr. Teixeira de Souza, cuja tempera transmontana de luctador resistiu energicamente, denunciando n'essa occasião a plena posse, depois confirmada, das qualidades primevas de um verdadeiro estadista. De pé, conservou-se tenazmente intransigente. Tinha a consciencia do valor do seu plano: por isso nada o venceria. E nada o venceu. Em 28 de novembro de 1902 foi assi-



O sr. conselheiro Teixeira de Souza



Vapores *Malange*, *Teixeira de Souza* e *Lobito*, atracados á ponte do caes do Lobito

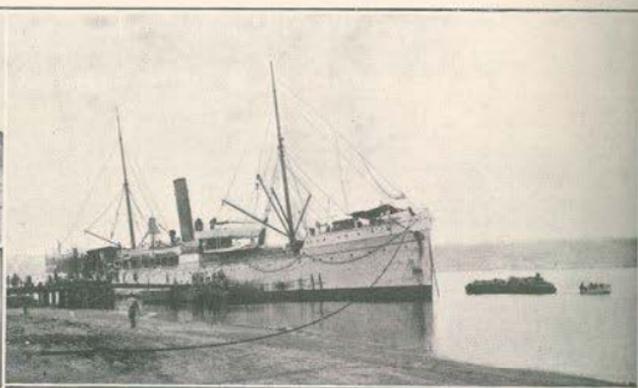
que de vez cessaram logo as criticas e objurgatorias accumuladas com a mais inesperada furia contra a concessão respectiva. Fez-se uma mudança completa nas opiniões, correspondendo á que se ia realisando nos terrenos do percurso da via ferrea.



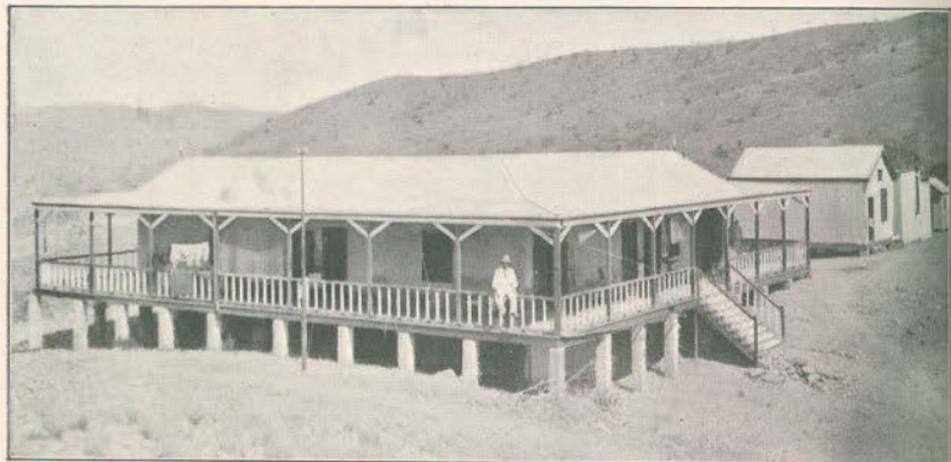
Garganta do Lengue, ao kilometro 45



Alfandega do Lobito

Vapor portuguez *Ambaca* encostado á ponte da bahia do Lobito

gnado o contracto com o concessionario Robert Williams, e o ministro, com justificado orgulho por ter triumphado cumprindo um bello intento, e co-



Residencia dos empreiteiros Griffiths

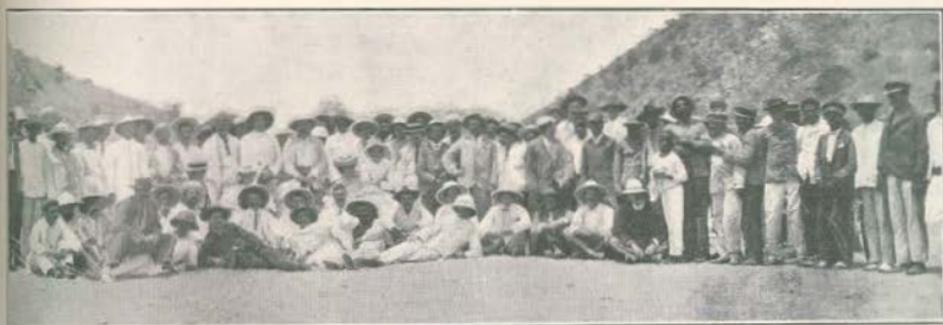
mo ultimo desafio aos adversarios encarniçados, affirmava ter sido aquelle um dos dias mais felizes da sua



Edificação da restinga de Lobito proximo á estação do caminho de ferro Ponte na bahia do Lobito

vida, transformando assim corajosamente em timbre e braço de gloria propria o mesmo acto que como stigma de crime lhe pretendiam assacar.

O tempo vingou, de facto, o sr. Teixeira de Souza, e deu todo o ensejo para se verificar que elle não errara a sua audaciosa previsão quando quizera marcar com uma pedra branca, á imitação do que os romanos faziam aos seus dias faustos, o dia da sua vida ministerial em que assumira a responsa-



Habitantes de Benguela e Catumbella visitando os trabalhos de construção no Lengue

bilidade, tão pavorosamente avolumada em perigos imaginários, de fazer definitivamente a concessão, em responsabilidade financeira para o Estado e sem

O sr. Robert Williams encontrou no começo serias dificuldades e chegou a haver uma interrupção dos trabalhos, por motivos conhecidos; mas, com



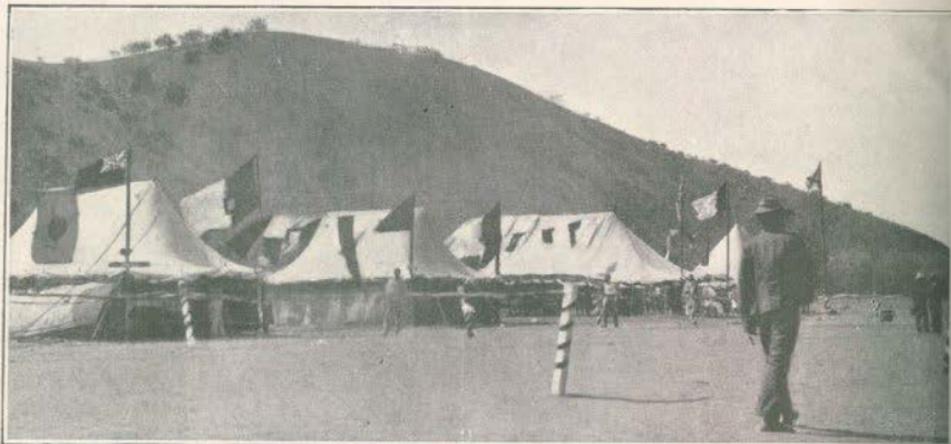
Carros boers empregados na primeira travessia de Benguela à Catanga

alocamento de qualquer parcela de terreno, do caminho de ferro de penetração entre o porto do Lobito e a fronteira leste de Angola, n'uma extensão aproximada de 1.400 kilometros.

uma persistencia característica, não descoroçoou, e menos de dois annos depois de feita a concessão estava celebrado o primeiro contracto de empreitada e construida a ponte do Catumbella, de que damos



Festas no Lengue



Festa offerta pelos empreiteiros aos habitantes de Benguela e Catumbella

uma gravura, e que constitue uma bella obra no seu genero.

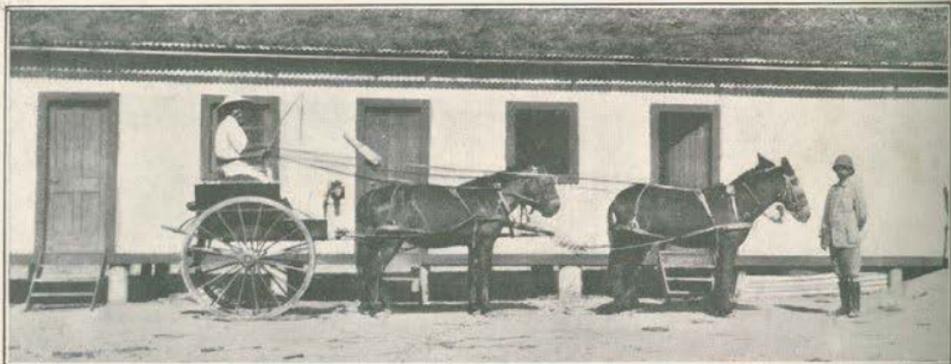
Depois dos empreiteiros inglezes srs. Griffiths terem tomado conta dos trabalhos, estes proseguiram com innegavel rapidez, apesar das circumstancias avessas resultantes da grande accidação do terreno, tornando necessarias trincheiras extensas e profundas, abertas em granito compacto e durissimo, da raridade da mão de obra indigena, que obrigou a importar trabalhadores da Libéria, e até da falta de agua.

Os engenheiros trabalham como os inglezes costumam trabalhar: methodicamente, sem desfallencias, nem interrupções. E tambem como os inglezes costumam, no meio hostile africano cuidaram, desde o principio, de cercar-se não só de todas as commodidades phisicas, como tambem das suas diversões habituaes, a fim de poderem aproveitar da maneira mais agradavel as suas horas de descanso. Os jogos que desenvolvem a robustez,

e que no systema de educação britannica servem principalmente,



Outro aspecto da mesma festa



Estação velha de Catumbella. Carro do empreiteiro geral



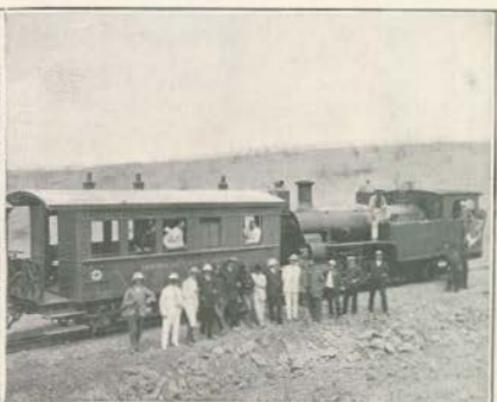
Viaducto n.º 3 no Lengue, em construção



Viaducto n.º 2 no Lengue



Viaducto Eduardo Costa



Visita do governador geral à cremalheira no dia 18 de outubro de 1906



Viaducto n.º 3 no Lengue



Lanço em cremalheira



Ponte de Catumbé'la

como diz Emerson, para tornar o homem «um perfeito animal», foram introduzidos e pratica-



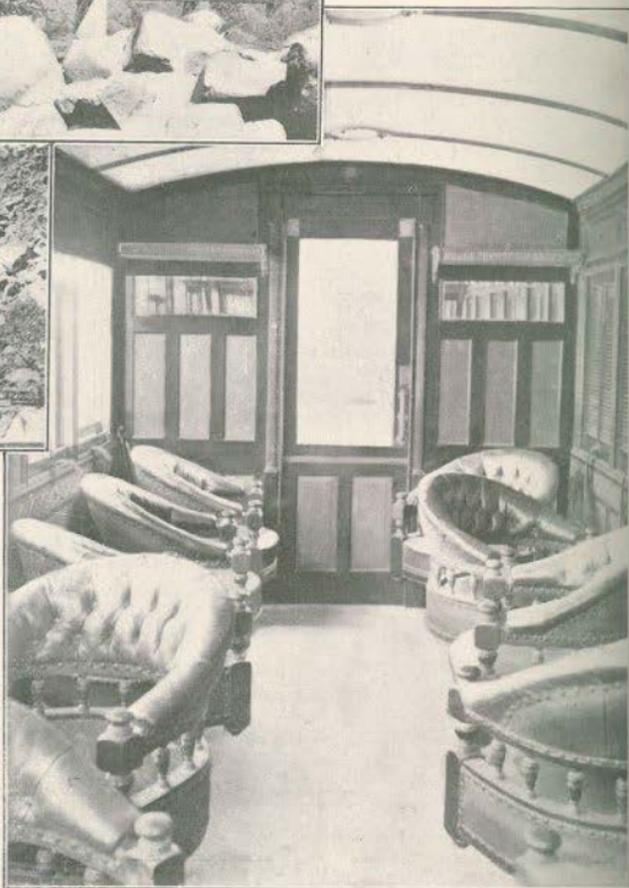
Viaducto no Lengue (visto ao nível do ferro)—Viaducto no Lengue

dos, desde a primeira hora, na colonia constituída pelo pessoal constructor do caminho de ferro. Algumas das photographias que illustram este artigo mostram como a vida ali decorre, depois de activa e diligente nas horas de trabalho, variada e alegre, entusiastica, nas horas de ocio; dão por vezes a illusão de que se está na Europa, em um hippodromo ou em um links de golf, em vez de se estar em plena terra de Africa, adusta e ardente, onde ainda se está a construir a via ferrea que a ha de percorrer.

E' esta, de resto, uma das feições mais curiosas do genio inglez. Os homens das outras raças

quando vão trabalhar fóra da sua patria consideram sempre essa emigração como transitoria, e por isso accommodam-se com os recursos de que podem dispor com maior facilidade, contentando-se com uma instalação puramente provisoria. O portuguez que vae labutar nas nossas colonias, por exemplo, não experimenta grandes preocupações a respeito da casa que ha de habitar durante o periodo do seu exilio ultramarino. Está, a bem dizer, com um pé lá e outro na metropole, e por isso acha que não vale a pena demorar-se com coisas que se afiguram, ao seu feitio, insignificantes. O inglez, esse não; quando vae para qualquer parte transporta consigo o seu *home*, por assim dizer, e em toda a parte, para muito ou pouco tempo, pensa primeiro que tudo em instalar-se com toda a somma de recursos de bem estar e de condições de commodidade que pôde alcançar. E d'essa fórma não só a vida se lhe torna mais amavel, como o seu trabalho resulta mais productivo e mais laborioso o seu esforço.

E é essa, sem duvida, uma das condições primaciaes do triumpho constante do inglez por toda as partes do mundo por onde o dissemina a sua nativa força de expansão.



Interior de uma carruagem de 1.ª classe do caminho de ferro



DAS AZAS DE ICARO AO AEROPLANO DE SANTOS DUMONT

Se o desgraçado Icaro, filho de Dedalo, pudesse assistir hoje ás experiencias do aeroplano de Santos Dumont, esconderia a cara

de vergonha e iria, com o seu ingenuo collega o padre Bartholomeu de Gusmão — resuscitado tambem para a cerimonia — carpir n'um canto silencioso e ignorado a ambição desmedida de querer elevar-se até ao sol com as suas azas colladas a cera.

O clérigo da *Passarola* foi mais feliz que o mythologico personagem cantado e recantado por Ovidio nas suas *Metamorphoses*. Esse elevou-se ahí do Terreiro do Paço e teve a sorte de não escangalhar o catholico esqueleto nas pedras da calçada. Não se elevou muito e, por isso, a descida fel-a Bartholomeu de Gusmão em condições de assegurar a pelle.

Estava o martyrologio reservado nos nossos tempos para o pobre Severo, que veio estatelar-se n'este *paré* de Paris, em pleno ruido e em plena multidão, como um aerolitho retumbante e nunca visto.

A reminiscencia longinqua da fuga do labyrintho de Creta e a outra que ainda hoje me faz comprimir o coração de dôr, tão proxima ella está ainda da minha memoria, vinha-me ao cerebro n'este dia

luminoso e temperado de 4 de abril, quando, com a alma a cantar uma alleluia, eu me atirei para dentro de um fiacre e me fiz conduzir ao caminho de ferro electrico do Campo de Marte.

Versailles apparecia-me agora como um paraíso: era a ultima *étape* antes de Saint-Cyr, em cujo campo militar Santos Dumont executava as experiencias do seu novo aeroplano.

Oito horas da manhã, — uma manhã ideal como essas da nossa terra, ahí por maio, lá para o Minho, em que tudo são orvalhadas de riso, arco-iris de felicidade. Lembrei-me, ao descer do comboio, de um recanto muito conhecido do meu coração e pareceu-me vêr velar-se o sol, com um véo muito tenue, como no esfuminhar de um sonho.

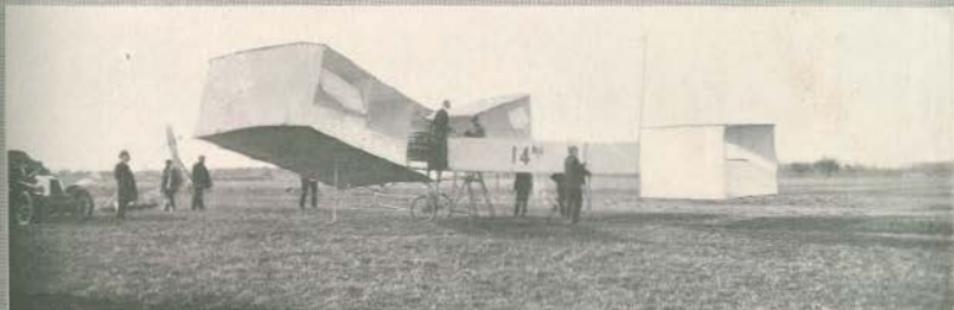
— E' cedo, devo ser o primeiro a chegar.

A traquitana arrasta-me estrada fóra, aos solavancos, com o seu rodado quasi primitivo, tintalhando ferros com uma crueldade desesperadora: — meia hora depois entro triunphantemente em Saint-Cyr! E', para o meu espirito, um espanto e uma decepção. O campo militar está cheio de gente que veiu de toda a parte, em trens, em automoveis, a cavallo. Conversa-se animadamente.

Vou a escoar-me já entre os grupos quando, do alto de um *Brazier*, uma voz clama o meu nome aos quatro ventos. Caio nos braços de um amigo velho, que tem uma expressão radiosa na physionomia.

— Vem tambem assistir ao triumpho? . . .

Este meu conhecimento é uma figura das mais evidentes em todos os meios sportivos e, — ó felici-



Santos Dumont preparando-se para partir

dade do chronista! — *persona grata* de Santos Dumont, seu commensal dos grandes banquetes e dos *litté-à-tête* recatados.

Aproveito o ensejo magnifico e trepo para o automovel. Avisto, então, em volta de mim, um oceano de cabeças que se movem n'uma unica direcção: — é uma carcassa gigantesca em que drapejam lórnas, lentamente empurrada por soldados em blusa de caserna. A minha ancia de colher informes e, mais ainda, de me approximar de Santos Dumont, precipita as minhas palavras n'asahem dos com uma torren-
cial. Quero tudo; quero, em primeiro logar, que Santos Dumont me dê, elle proprio, o seu retrato para a *Illustração Portugueza*. O meu amigo arregala os olhos como se eu, diante d'elle, parasse debaixo da rabona a estafada cabeça de Medusa.

— Mas isso é mais difficil que o accordo dos cardeaes para a eleição de um Papa! Dumont é a creatura mais refractaria a essas ostentações. Pois não sabia isto?

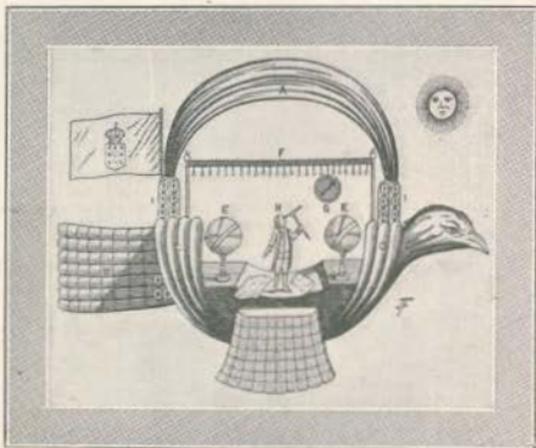
Sabia isto, e sabia ainda muito mais. As lendas

Sabia isto tudo, sim. Mas aguçava-me o appetite desta mesma intransigencia, esta ferocidade de Dumont em se furtar ao réclamo, todo entregue ás suas descobertas, aos seus estudos de aeronautica. Lançei um alvitre:

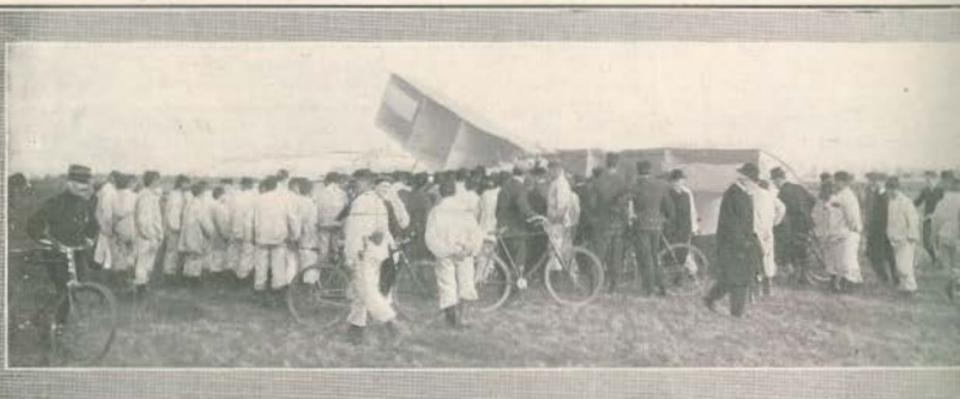
— E se fossemos a casa de Santos Dumont pedir-lhe a photographia?

— Não pense n'isso. Já vejo que ignora absolutamente os bastidores da vida intima do meu celebre patricio. Dumont vê-se na necessidade de usar de artificios e manhas de um pelle-veimella para escapar aos importunos e aos que se dizem seus admiradores. E' solicitado diariamente para dezenas de entrevistas; pedem-lhe a cada hora audiencias; e muitos, como sabem que a porta de sua casa se fecha, impenetravel, a todos os que não vi-

vam na sua mais stricta intimidade, espionam-o, seguem-lhe os passos, levantam-se de repente diante d'elle, surdindo não se sabe d'onde, com os seus papeis de calculos e invenções, os planos de novos machinismos, o memorial modesto e afflictivo de uma miseria ou de uma dôr.



A Pissarola do padre isarholomeu Lourenço de Gusmão



Militares e outros curiosos cercando o aeroplano na planície de Saint Cyr, depois do accidente

que se bordaram em roda d'esta celebridade brasileira, que é hoje uma celebridade parisiense e, por consequencia, universal, são sem conta. Umhas phantasticas, imaginativas, de pura invenção esquentada e tropical; as outras com a sua parte verdadeira accrescentada pela novellesca narrativa dos *reporters*, que não perdem occasião de areolar *O homem do dia* com historietas em que elle nunca foi protagonista nem comparsa.

Pensei que a gloria tambem tem os seus inconvenientes.

— Se lhe escrevessemos?...

Despedi esta phrase já com uma certa timidez. A voz implacavel continuava a despir todas as minhas illusões, a enterrar no coração o bisturi das impossibilidades.

— Peor! A correspondencia de Santos Dumont é tão grande que nem chega a ser aberta.



Santos Dumont no seu aparelho, prompto a partir da planície de Saint-Cyr

—Mas, n'esse caso, o aeronauta não tem amigos íntimos que se correspondam com elle!

— Tem; mas esses usam signaes espezias e combinados, no *enveloppe*. São os unicos que Dumont rasga e lê. Quantas vezes o amigo se esquece de pôr

que n'esse momento inclina um pouco á esquerda e logo se endireita por uma manobra agil do aeronauta.

Mas uma rajada de vento — este vento terrivel de Versailles! — torce a aza direita do aeroplano, de-



Depois do accidente—O aeroplano derubado

a referencia mysteriosa!... E lá se perde um jantar, um negocio urgente, um *rendez-vous*. Eu lhe conto o que me succedeu uma vez com elle. Tinhamos combinado um almoço com varios companheiros. Fui a casa de Dumont para o arrastar commigo; e sabe o resultado d'esta minha pressurosa visita? Foi ficar com elle a almoçar e deixar os companheiros á espera no pavilhão do Bois! Até tive vertigens...

— De desespero?

— Não; de alturas. Imagine que a mesa da sala de jantar se levanta dois metros acima do sobrado; as cadeiras são, exceptuando os assentos, iguaes aos bancos que se usam nos *bars* americanos, ou talvez ainda mais altos. O creado, para servir, tem de marinhar por uma escadinha de tres degraus...

Um grande borbo-rinho interrompe a pittoresca narração. Pegamos dos binoculos. E' Santos Dumont que apparece, triumphal e victorioso, no alto do seu aeroplano, aclamado por centenaes de bocças. Vejo-o, de longe, dar ordens e baixar-se um pouco para mover uma manivella. O motor resfolega, a helice agita-se rapidamente; o aeroplano corre um momento sobre o rodado em que assenta, levanta-se á altura de um homem, corta a direito. Leio-lhe o numero: é já o 14 Bis,

pois a esquerda. Ha um momento de anciedade; a poderosa molle, com a velocidade adquirida, volta-se sobre si, cobrindo o intrepido aeronauta, que mas uma vez dá provas do seu extraordinario sangue frio cortando, celere, a *allumage*, e evitando, d'esto modo, um grande e irreparavel desastre.

Corremos todos. Sente-se o estalido das machinas photographicas, que se assestam implacavelmente sobre Santos Dumont, que conserva a sua habitual tranquillidade olympica.

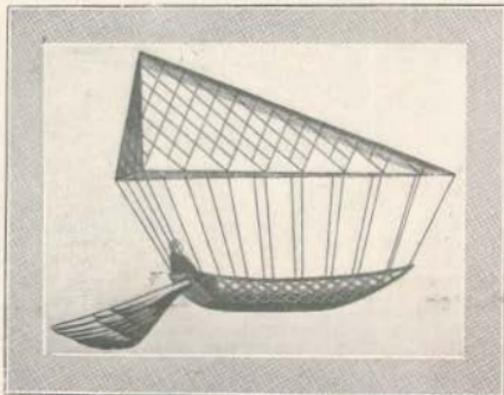
Frio e calmo, as suas palavras são rapidas e succididas; algumas ordens, curtas explicações aos jornalistas que o rodeiam, — e é tudo. Santos Dumont detesta as longas phrases inuteis; mas este laconismo de palavras equilibra-se com a prodigalidade dos

actos de heroismo de que a sua vida está cheia.

Quando o vejo, como n'essa inolvidavel manhã de Saint-Cyr, pallido e franzino, e bigodito ralo, o cabello empastado sobre a testa como um simples *snob* do mundanismo, pergunto a mim mesmo onde vaes este homem adquirir a energia, a audacia, a força de vontade que consome nas suas tentativas, nem sempre coroadas de exito, mas sempre novas e imprevisas!

Paris.

A. d'A.



Outra gravura antiga da *Passarola*



Primeiros-tenentes da armada do curso de 1887-1890, que se reuniram em Lisboa em 7-4-907.

Sentados da esquerda para a direita, os srs.: Carlos Frederico Breja, Antonio da Camara Cabral, Agnello Portella, Alfredo Pedreira Caçador, Bernardo de Castro Moreira e Antonio Raphael Rodrigues Bastos.

Em pé, da esquerda para a direita, os srs.: José de Campos Ferreira Lyra, João Hérculano de Moura, Luiz de Magalhães Corrêa, Flavio Moreira da Fonseca, Filipe Dias de Carvalho e Avelino da Silva Monteiro.

(Cliché das oficinas photographicas)

A MARQUEZA DE POMARES

A sr.^a mar-
queza de
Pomares — dizia-
nos um d'esses
gentlemen, nas
acções como nas
palavras — é uma
flôr de virtude, da virtude tradicional
e constitucionalmente portugueza.
Com estas palavras simples definia a
bondosa dama que tem vindo pela
vida fóra como n'uma nuvem de res-
peito, inaccessível á calúnia, á saty-
ra, á ironia. Casada, ainda muito
nova, com seu tio, que veio a ser
depois marquez de Pomares, atravessou
todas as festas, todas as recepções
mundanas a que naturalmente a obriga-
va a situação politica do marido,
no meio da veneração de todos, vel-
hos e novos; e jámas uma suspei-
ta, por insignificante que fôsse, cravou

a sua maldita setta na sr.^a D. Maria
Manuela de Brito e Castro.

N'uma sociedade onde tantas damas são
alvo da maledicência, quantas vezes injusta!

onde se calúnia por triste
habito ou pelo prurido de sim-
ular espirito, não será para
causar espanto que nenhum
echo maldoso ousasse turvar
a honestidade de uma senho-
ra nova, formosa, sem filhos
e ligada a um marido mais
idoso? que nenhuma duvida,
que nenhuma suspeita voasse
de qualquer bocca estouvada
ou malevola para, avoluman-
do-se durante o seu curso,
pretender ferir a esposa que
tem honrado o seu nome e o
do marido até á veneração
religiosa?

E' que um conjunto sin-
gular de qualidades de cora-
ção, de reflexão e de bom
senso fizeram da sr.^a marque-
za de Pomares aquella *esposa
perfeita* que frei Luis de
Leon, o grande mestre da
universidade de Salamanca e
a victima da inquisição hespanhola, retrata e exalta
n'um livro que para espantar é que houvesse sido
escripto nos começos do seculo XVI.

E contudo, a sr.^a marqueza de Pomares, com os
seus dotes superiores de espirito e a tempera de
uma educação que se afasta dos caminhos batidos;
com a sympathia captivante do seu trato e a can-
dura de uma alma cuja preocupação constante se
tem traduzido no culto do bem-estar alheio, pare-
ceu sempre apostada em ser cousa nenhuma, em

sustentar a fri-
volidade da con-
versação habi-
tual nas salas,
em ser apenas
uma mulher co-
mo qualquer ou-
tra.

Dir-se-hia que teme ofender a
Deus e aos homens exhibindo os
primores da sua culta e fina intelli-
gencia.

Quem não conhecesse em toda a
sua amplitude a grandeza d'alma
d'esta generosa fidalga, poderia fa-
cilmente attribuir-lhe intuitos de
 vaidade, desejos de uma mundanei-
dade notoria com a publicação do
seu recente livro — *Os pobres e os
ricos*. Nem sombra de vaidade nem
pruridos de notoriedade: apenas o
impulso de uma alma grande que
desejaria ser imitada na pratica do
bem. E sobretudo a necessidade irresistivel
de prestar a mais tocante homenagem
aquelle que foi seu marido, o guia da sua adole-
cencia e companheiro indulgente e dedicado

de mais de trinta annos
da sua vida, memoria vene-
reranda, aureolada de
justiça, de honra, de car-
idade — como a nobre
senhora escreve na dedi-
catoria do seu tão despre-
tencioso como carinhoso
livro. De facto, no con-
ceito publico, o marquez
de Pomares foi tido sem-
pre como modelo de jus-
tiça, de honra e de car-
idade, e nem a politica,
tão dissolvente e tão en-
gentente mesmo com os ca-
racteres fortes, conseguiu
jámas desviar o illustre
fidalgo do caminho que
o seu character recto e in-
transigente lhe traçara.

No livro que a sr.^a
marqueza de Pomares es-
creveu para dizer delicada-
mente aos ricos, aos pos-

suidores de riquezas como devem comportar-se com os
pobres, e a estes como lhes poderá ser menos pesada
a cruz do seu infortunio, estão fielmente retratadas
a proverbial caridade da sua auctora, o seu profundo
amor pelos infelizes, a sua immensa candura, a sua
solicitude enternecedora pelos pequeninos, pelas
creancinhas — caso nem sempre frequente na esposa
a quem a natureza negou as doçuras da materni-
dade. Quando nos começos do estio, a senhora mar-
queza partia para a sua risonha quinta da Portella,



A sr.^a marqueza de Pomares com o seu pupillo

nos arredores louções d'essa Coimbra que de dia para dia vae perdendo o seu caracter de cidade medieva e o seu pittoresco de um encanto especial, era um espectáculo enternecedor o vêr a bondosa senhora dar a mão a uma caterva de creancinhas cãlfreantes que, aninhadas e afodadas no compartimento do comboio, rejubilavam ao calor d'essa maternal solicitude. As humildes creancinhas — filhas de caseiros, de cocheiros, de trintanarios, de mordomos — nascidas sob o amparo dos marquezes de Pomares, recebiam d'elles o sustento, o vestuário, a educação e mais tarde quantos não lograram uma desafogada situação social! A fortuna d'esse aben-

quantas luctas batalhadas na sua alma boa e simples. A sua caridade tem o que quer que seja do socialismo christão. A sua dôr ante o infortunio alheio só se dá por minorada com o praticar sempre o bem. O respeito pela memoria do marido, de que dá tocantissimo testemunho a *dedicatoria*, é o reflexo de um espirito superior e de uma virtude que atinge as alturas do Ideal. A seriedade, bom senso e criterio com que a auctora encara os factos que constituem o substracto da sua obra — cujo producto reverte exclusivamente a favor da Creche e do Asylo da Infancia Desvalida de Coimbra — definem uma intelligencia já sabida de muitos, sim, mas que teima



A casa da quinta da Portella em Coimbra

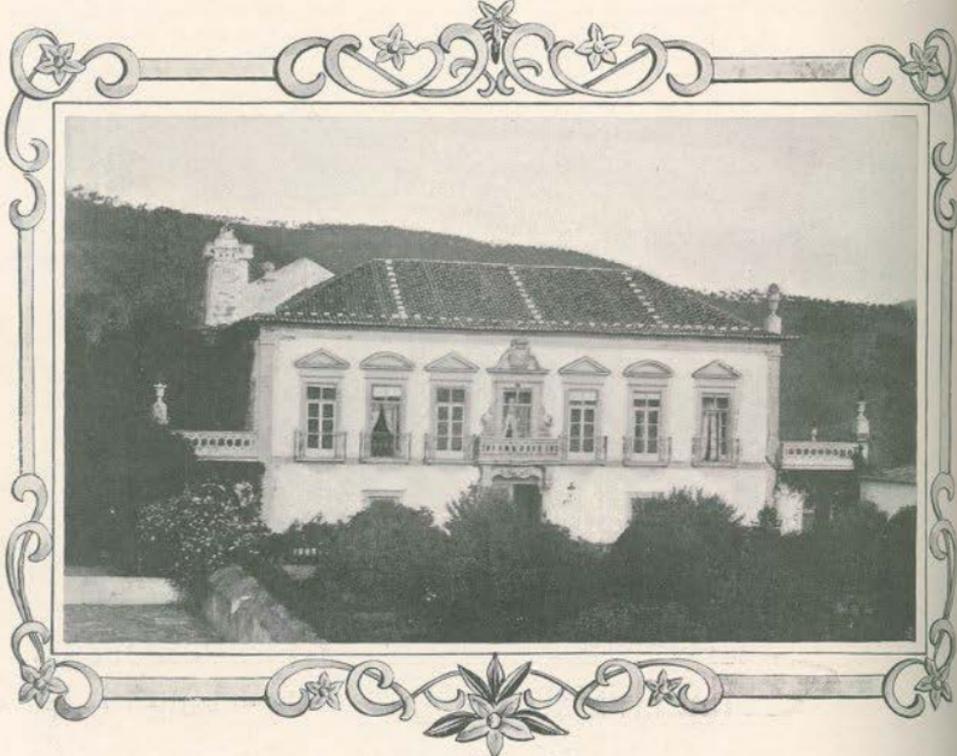
gado lar fidalgo tem vindo escoando-se, durante largos annos, por muitos casebres sem pão e sem conforto e por muitos institutos de caridade a que o defunto marquez dedicou o melhor da sua actividade e do seu tacto administrativo e por muitas familias cahidas na miseria que só da generosidade dos ricos esperam o incerto pão nosso de cada dia. Sem a menor ostentação, com o recato proprio das almas grandes e simples, quantas vezes a sr.^a marquez de Pomares andou em caritativa romaria pelos pateos insalubres onde se estiolam e onde agomam tantas creaturas que passam dias, muitos dias, sem verem luzir um rosto tocado pela santa aureola do Altruismo!

A sympathica physionomia da senhora marquez destaca-se espontaneamente do livro entregue á publicidade — sabe Deus após quantas hesitações e

em se occultar n'uma atmospherã de modestia para passar constantemente despercebida. Que paginas de commovedora simplicidade, quando, descrevendo os institutos de beneficencia de Lisboa e Coimbra, espargue despreziosamente as suas observações, ora referindo-se á falsa educação dada ás creancinhas, em obediencia á moda inexoravel que lhes impõe ao nascer toucas de rendas e futilhos, e mais tarde capas compridas de vistosos bordados, o que transforma esses mimalhos em manequins e os enche de vaidade e de despreso pela pobreza; ora observando as victimas da «aceleração industrialista» nas fabricas; ora observando os vícios dos internatos; e as reflexões a tal proposito apresentam um grande cunho de sinceridade e obedecem a um criterio fóra do commum, conservando sempre a linha da mais serena delicadeza, até mesmo quando é preciso apon-

tar graves injustiças e criminosos defeitos. No livro, como na pratica da vida, a auctora mantem-se na mais christã indulgencia perante os vicios e peccados alheios, e difficilmente se encontraria n'um artigo de escriptor ou jornalista profissionaes, quem com mais delicadeza soubesse frisar a injustiça que provenha acaso da cegueira do estadista mal-avisado, imprudente ou de vistas partidárias estreitas. Assim, é quasi com as lagrimas nos olhos, sem sombra de censura nem de recriminação que a senhora marqueza supplica, por exemplo, ao jornalismo mais sobriedade na descripção dos crimes empolgantes, evitando

rém com que a dedicada compiladora abre o seu bello ramilhete de preceitos ainda mais faz avultar a nobreza da intenção. Quer-se ter uma idéa mais vasta dos thesouros de ternura e bondade que a natureza pôz no coração da illustre senhora? Leia-se este remate da advertencia: «A perturbação de espirito que os rapazes hão de sentir quando sabem de um internato para a mais ampla liberdade deve ter qualquer analogia, embora a sensação seja diametralmente opposta, com o que succede a qualquer pessoa que durma de um somno profundo, n'um quarto em total obscuridade, e que seja despertada



Jatro aspecto da casa da Portella

a publicação de retratos dos grandes degenerados nas mesmas columnas onde na vespera se estamparam os retratos de cidadãos benemerentes.

Mas a delicadeza intelligente que encarnou na senhora marqueza de Pomares revela-se ainda n'um livrinho dedicado a um seu neto adoptivo para lhe servir de *vade-mecum*, no transitio dos preparatorios para um curso superior. Não quiz a senhora marqueza fazer um compendio de moral, na accepção vulgar do termo. Compilou apenas as maximas de alguns dos espiritos mais altamente cotados no mundo da Idéa, desde o discutível auctor da «Imitação de Christo» até ao padre Didon, entre os quaes entram em boa companhia Vieira, S. Francisco de Sales, Pascal, Victor Hugo, Goethe e até mesmo o pessimista Schopenhaur. A compilação é feita com mediculoso cuidado e criterio e os pensamentos que desfilam diante dos olhos que ali procurarem edificacão e conselho para a alma não deixarão de favorecer o germinar de tão boas sementes. A advertencia po-

bruscamente abrindo-se-lhe uma janella rasgada por onde entre em cheio o sol dardejante...

Que, ao adolescente a quem dedico este pequenino livro; aos seus irmãos a quem consagro equal affecto; e aos rapazes que creei junto de mim desde que nasceram, e que estimo maternalmente; que a todos elles possa resultar algum beneficio moral d'esta humilde lição da sciencia da vida, e então agradeceria a Deus ter-me dado o pensamento e o desejo de realizar este modesto trabalho.»

Admiravel avósinha, tão santa como a mais santa das mães!

Como esses livros, com todo o seu perfume de modestia e de sinceridade; como as solidas virtudes da sua auctora resgatam nobremente a sociedade de muitas miserias moraes que por ahi se estatelam na indiferença e no egoismo de uns, ou na culpabilidade e cynismo de outros para quem as virtudes altruistas são apenas uma flôr... de rhetorica!

S. B.

As Portas da Civilização Marrocos



VOLTA a falar-se de Marrocos...

A dois passos da civilização, esta mysteriosa porta da Africa tem dado mais a fazer á velha Europa que os mais intrincados problemas de politica internacional.

É uma situação de sobresalto permanente. A conquista de Algeiras, que parecia ter-se realizado para tranquillisar os espiritos, não teve, na pratica, a realidade effectiva que os conferentes commissariados pelas nações mais adeantadas theoreticamente manifestaram. A conflagração levanta-se com o pretexto mais futil. A cada canto se depara com um estado de conflicto; a desconfiança do mouro está a aproveitar tudo quanto lhe pareça ser a defesa da sua autonomia barbara.

De novo o espectro se desenha, com o caso do Mauchamp assassinado e lapidado pela turba sanguinaria. Se, porém, se procurar a razão da tragedia de sangue nós só a encontraremos no odio que trasborda, impetuoso e sempre vivo, do coração da raça que não quer entrar no convivio civilizador e se escapa, cheia de mysterio impenetravel, á cobiça europeia. Marrocos vive, d'esta fórma, na sua independencia selvatica, mercê da ancia insofrida das nações. A sua diplomacia é toda feita de artificios e subterfugios engenhosos. Para escapar á reclamação diplomatica, o sultão não tem residencia fixa e anda constantemente, em bolandas, com o seu governo, de Fez para Mequinez e de Mequinez para Rabat. Em

todas estas cidades sua magestade sherifiana possui palacios sumptuosos. Estes caprichos aventureiros do imperador tambem obedecem a necessidades politicas de caracter interior ou exterior.

Por este motivo, torna-se necessario enviar frequentemente embaixadas ou missões diplomaticas á capital do Imperio, onde o sultão reside accidentalmente, para ultimar negociações sem recorrer á mediação ou intervenção do ministro dos negocios estrangeiros acreditado na capital diplomatica do Imperio, que é Tanger.

Estas embaixadas exercem sempre salutar influencia na reforma dos costumes marroquinos e no desenvolvimento da civilização. O esplendor com que se procura sempre rodear uma embaixada, a ostentosa manifestação de sympathia que o sultão e o seu governo prodigaliam ao embaixador e á sua comitiva, para a deslumbrar e afastar do seu pensamento a idéa d'um resfriamento nas relações de mutua amizade, produzem os seus naturaes efeitos entre a multidão fanatica.

A comitiva de uma embaixada é sempre numerosa, não só pela razão do pessoal necessario ao seu serviço, mas tambem pelo acompanhamento dos *kaid*s e soldados de cavallaria, que é da praxe n'estes casos, enviados pelo sultão para lhe tributar as honras devidas á sua alta representação.

Rompem a marcha vinte soldados de cavallaria, cujo vistoso e garrido traço é um deslumbramento de côr; segue-se o pessoal da embaixada, e cobre a



Duas auctoridades locais de Oujda

retaguarda outro destacamento de cavallaria, n'uma caprichosa ordem de formação. As tendas de campanha, as equipagens, os creados e as provisões enviam-se ordinariamente com antecedência para o ponto marcado onde se deve pernoitar, a fim de que o acampamento esteja estabelecido á chegada da missão.

Os *kaid*s ou governadores das kabilas em transitio recebem a comitiva nos limites da sua jurisdicção, acompanhando-a até á fronteira do seu territorio. Depois das saudações da praxe e das manifestações de amizade e regosijo por tão distincta visita, cumprem esplendidamente as ordens do sultão, fornecendo a embaixada de todos os productos da região.

Ao approximar-se a comitiva da residencia do imperador, as homenagens multiplicam-se e começam as manifestações com mais brilho e mais animação. Cada personagem marroquino que recebe a embaixada, repete varias vezes: «Sêde bem vindos!»; e os soldados da escolta executam então a phantastica farândola da polvora — *laab el-barud* — com uma destreza singular, succedendo-se, quasi sem intermitencia, as descargas, os gritos e as corridas como demonstração de regosijo, que em Marrocos está sempre na proporção da quantidade da polvora que se consome.

Depois de varias e complicadas ceremonias, o sultão recebe em audiéncia publica, ao ar livre, o embaixador e a sua comitiva, que deve approximar-se a pé. O chefe da missão apresenta as suas credenciaes e o pessoal da embaixada, enquanto o descendente dos *sheriffs* permanece a cavallo, rodeado

dos seus dignitarios ou ministros. Este acto é de um effeito surprehendente, brilhantissimo, de um colorido artistico imponderavel.

Antigamente, o sultão nunca desmontava para receber as despedidas, mas um ministro francez, um dia, conservou-se de cabeça coberta durante a audiéncia.



O dr. Mauchamp, passando a cavallo defronte da Kutubia, em Marakech

Alguem chamou a attenção do diplomata.

— Não tiro o meu chapéu enquanto sua magestade permanecer a cavallo.

O caso é que, d'ahi em diante, o sultão apeia-se sempre na hora da despedida.

Antes de começar as negociações diplomaticas, é de rigor a troca de visitas, convites e conferencias com o vizir, o *kaid-el-Meschuar*, — especie de introductor de embaixadores, — o Bajá e algum outro pe-



A festa da polvora



Um passeio do sultão de Marrocos

imagem que exerce cargos similares aos dos nossos ministros.

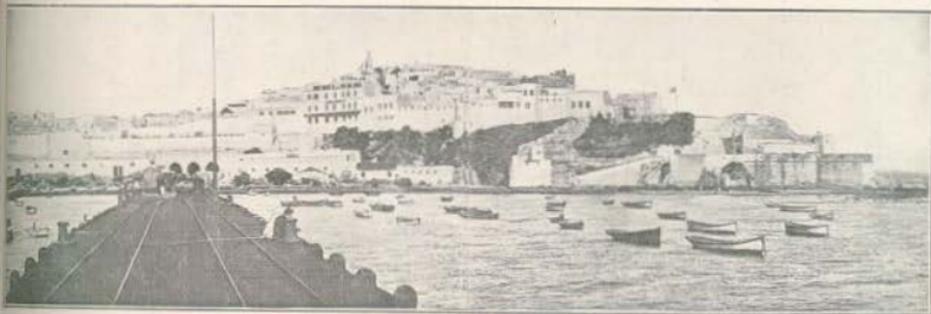
Os visires e dignitários do Imperio convidam para a sua mesa o pessoal da embaixada; e n'estes banquetes, onde se faz ostentação de manjares e de uma requintada galanteria, costumam dar-se incidentes curiosos, por vezes comicos, pelos especiaes costumes dos sectarios do Propheta, que nem sempre são bem comprehendidos nem tolerados com a cortesia que merecem.

Para entorpecer a vida do europeu nas povoações do interior do Mogreb, contrariando o estipulado nos tratados internacionaes, e fingir perigos imaginarios, posto que as autoridades locais tenham soada força moral e material para fazer respeitar todos os convenios, tem-se tolerado que um soldado

ouvir, não obstante a presença dos guardas, maldições que a multidão proclama á sua passagem e até da bocca de creaturas angelicas. Geralmente, com grande inoportunidade, os *mexjonias* costumam distribuir algumas pranchadas sobre os grupos que, interceptando a passagem, contemplam o aspecto, para elles estranho e curioso, que offerece o christão.



O palacio do sultão—alcazar real—é, como o foram sempre e em toda a parte os dos *muslimes*, um vasto agrupamento de edificios que formam uma especie de outra cidade, com um intrincado labyrintho de muralhas e poderá ter de circuito cerca de legua e meia.



Vista de Tanger — O caes de desembarque

o *mexjonias* acompanhe o christão nas suas excursões pelos arredores da cidade e mesmo pelas ruas. O laxo dos guardas que escoltam o pessoal da embaixada é verdadeiramente sumptuoso.

Com este systema obtem-se um resultado contra-productivo. Os membros da embaixada—especialmente aquelles que entendem o arabe—poderao

Para entrar no palacio propriamente dito é preciso, depois de atravessar os tres immensos pateos ou praças do *mexjar*, passar uma quarta, destinada ao corpo da guarda; e logo outra em cujo centro se levanta a poucos pés do solo uma *cobba* ou casa quadrada. No interior d'esta ha tapetes por toda a parte e almofadas para espreguiçar indolentemente o corpo;



A festa da pólvora

é a paragem onde se sentam os primeiros officiaes da côrte e de serviço, aguardando as ordens do sultão, como n'uma especie de ante-camara e onde se serve jantar e ceia aos que ali residem.

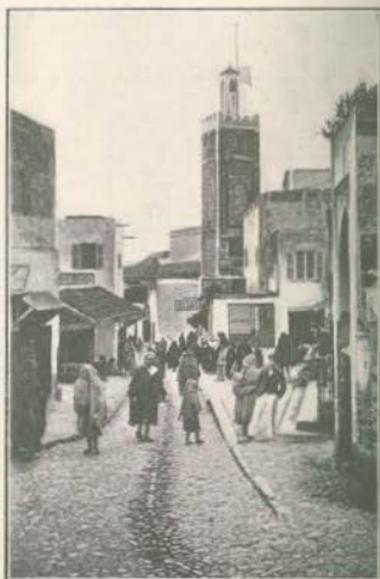
D'esse pateo passa-se a um vestibulo, onde estão

os pagens de serviço e outro guarda; e, finalmente, a um jardim com dois *cobbas* (ou casa de madeira) n'uma das quaes o sultão recebe ordinariamente.

O palacio tem formosissimas habitações construidas á europeia, com grandes varandas sobre o jardi-



Um sherif



Rua principal de Tanger

da e um sumptuoso salão quadrado com alguns tapetes, que constituem a sua única mobília. A escada, em contraposição, é muito escura e, principalmente, muito mesquinha. O jardim é de fôrma regular, todo plantado de laranjeiras, mas muito bello, cheio de flores e de plantas aromáticas; as mulhetes não podem entrar ali, porque nem outros onde não entram homens.

Antigamente, rodeavam o palácio jardim e plantações que se esmeravam a perder de vista. Para as conservar viçosas, conduzia-se para ali a agua de milhares de pontos do Atlas, por meio de canaes ou ribeiras descobertas e por aqueductos e grandes carnaes conductores subterraneos. Hoje sô restam as ruínas de obras tão maravilhosas; o homem instruido sofre ao vêr aquella infinidade de canaes destruidos, e a terra, que as suas aguas faziam fértil e productiva, convertida em arido deserto. No entanto, alguma agua leva ainda a frescura e o viço a muitos jardins.

O vegetal mais vulgar em Marrocos é a palmeira, a qual se levanta galhardamente a uma altura

prodigiosa. Ninguém ali se occupa em cultivar as flores; excepto as rosas, girasoes e os jasmims no estado silvestre, apenas se encontra digno de menção a *Acacia Gurnesiano*. Em compensação, os jardins do

sultão e os dos arredores produzem fructas magnificas e entre ellas constituem notabilissima especialidade cepas seculares de uma grossura inacreditavel, que ninguém trata nem cultiva, e que dão uma uva de excellente qualidade, a qual não tem rival e se distingue pela sua cor e a sua fôrma.

Quanto ao resto, Marrocos carece em absoluto de commercio e as suas industrias são muito escassas,

merecendo citar-se os curtidos, pelos quaes goza de fama universal, apesar da Europa estar muito mais adiantada n'este ramo.

O mez de Ramadhan em Marrocos tem uma singular e altissima representação entre os islamitas, por ter sido consagrado pelo proprio propheta. O



Entrada na cidade de Tanger



Uma «fantasia» arabe



Kasbah de Tanger

Livro Santo, aquelle que, dictado por Allah, foi revelado a Mahomet por intervenção do archanjo S. Gabriel, para servir de direcção aos homens como explicação clara dos preceitos divinos e como distincção entre o bem e o mal, desceu precisamente dos céos na lua de Ramadhan, que é por isso abençoada e reverenciada dos musulmanos.

As povoações mudam completamente de aspecto durante o Ramadhan, e todos os fieis, salvo algumas excepções, se consagram a um jejum rigoroso, que é o quarto preceito divino.

Ao silencioso recolhimento do dia, succede um espectáculo bem



Villa Valentina, onde se hospedou o pessoal das legações



O corpo diplomatico e os delegados marroquinos reunidos no Kasbah de Tanger para discutir a questão da policia de Marrocos—O sr. conde de Martens Ferrão, ministro de Portugal e decano do corpo diplomatico, sentado

distincto, — os convites e as funcções domesticas, e os cafés onde se dão as scenas mais extraordinarias. Os rapazes e os pobres andam pelas ruas com musicas e não ha galhofa que se não invente n'aquellas noites, que se pode bem chamar o carnaval dos arabes.

Como passam todo o dia sem comer nem beber, a lua do *alms-grib* é esperada com ancia pelos musulmanos entre os quaes, d'aquelles que não tem necessidade de trabalhar para viver, muitos perdem a cabeça de tanto rezar e ler o Alkorão. Ao ouvir o signal, ao escutar os tiros que annunciam a noite, toda a gente se põe em movimento, abandonando as mesquitas ou as occupações

diarias e desatando a correr desesperadamente.

O mez de Ramadhan que este anno, o 1323 da hejyra, teve principio na segunda dezena de março, termina do mesmo modo que entre nós a Quaresma, celebrando-se a famosa festa da *Al-fitra*, que os musulmanos solemnisam com alegres danças campestres, distribuindo grandes esmolas pelos pobres, frequentando os cafés, percorrendo as ruas ao som de cantigas e da musica n'uma alegria doida que a prolongada abstinencia torna mais ruidosa e mais encantadora...



A PROCISSÃO DA SAUDE

QUANDO a lisboeta sae para a rua, n'esta primavera perfumada e cheia de risos, para vêr passar a procissão da Saude, leva, com a sua *toilette* clara e fresca, a mesma transparencia feliz e a mesma frescura viçosa dentro d'alma. Longe d'ella a ideia de que vae assistir a um cortejo de penitencia, soturno e grave, em que ha cantochão e marchas funebres. O que a appetitosa e radiante mulher quer sobretudo, para satisfazer a sua curiosidade e para alimentar a sua alegria, é vêr a basilica, o ar feliz que a Senhora espalha em volta do seu andor, as garridas tropas de todos os regimentos da capital, commandadas pelo alferes dos seus so-

nhos, que n'este dia tem um ar de conquista mais accentuado, porque o quadro lhe presta uma seriedade quasi abençoada.

Tremem de jubilo os corações apaixonados, emquanto debaixo dos ares das bandeiras que se des-



Um anjinho

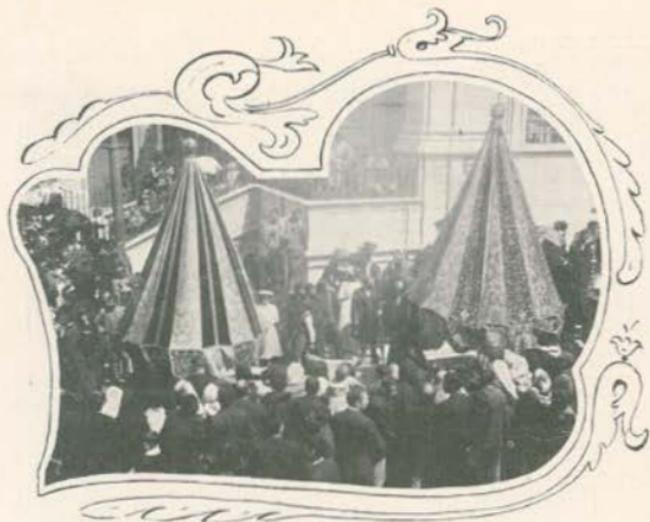


A procissão descendo a rua da Magdalena



Vendo o desfile da procissão

fraldam delirantemente, a procissão lenta vae passando, com as suas irmandades de azul e branco, os seus anjos constellados de ouro—ó tentação dos



As basilicas

rada da agonia, mandava, como o maior sacrificio da sua alma miseravel, accender dois decilitros de azeite á Virgem para lhe dar a saude periclitante, não precisaria usar do vil estratagemas para assegurar a benevolencia da Senhora.

Melhorava, o patife; e, quando um amigo admirado lhe fazia notar que a lampada ardia com um fogo maravilhoso, elle respondia beatificamente debaixo dos lençoes: — Não é azeite! Era muito caro!...

E com um suspiro de alivio:

— E' um pyrilampo!

Pois com esta procissão da Saude escusava o illustre Harpagão de abusar da bondade omnipotente da Virgem consoladora dos afflicto por meio tão traficante e tão pouco conforme aos sentimentos religiosos viventes na alma mais refractaria: bastava-lhe abrir uma das janellas da sua possigla e acompanhar, em espirito — se é que o



Um anjinho com somno



Um trecho da procissão

Pintores! — os seus padres com longos cabeções de espuma, as bandas todas de todos os regimentos, cadenciando musicas que são vãos de promessas adejando em roda de Nossa Senhora.

Abril é bello, o sol magnificante, Lisboa inteira mais do que nunca

Jardim da Europa á beira-mar plantado!

Que mais é preciso para restituir a alegria aos melancolicos e aos neurasthenicos, felicidade aos que julgavam tel-a já perdido, saude — principalmente saude, — aos que se arrastavam, languidos, por essas ruas e por essas praças?

Aquelle avarento impenitente que, na hora desespe-



Nó largo da Magdalena

quinto é ether que se alberga na carcasa de um usurario—a radio-mazema, que vae no seu perigo, espalhando benções e perdendo, com um largo gesto ondulatório...

A procissão da Saude incarna a regra de viver, o riso argentino e puro que é uma demonstração de um contentamento intimo da alma. Porque tambem ha risos cotidianos e risos artificiaes, como, por exemplo, o d'esse Joly John que sustentouo largo tempo pelos music-halls de Paris e Londres, fazendo do seu riso uma verdadeira arte, cantando uma canção cujo estribilho consistia em graciosas risadas acompanhando o ritmo da melodia. Dizem que o effecto era extraordinariamente comico e irresistivel. Os espectadores mais neurasthenicos desatavam a rir ainda Joly John não começára a singular canção. O inventor do riso musical ensaiava-se horas e horas antes de apparecer em publico, como qual-quer outro virtuose. A originalissima ideia, explorada por elle durante quinze ou vinte annos, propor-



As tropas acompanhando a procissão

exclusivamente n'isso: rir sempre, fosse de que maneira fosse, acompanhando a gargalhada de contracções grotescas. Uma noite, quando trabalhava n'um circo de Paris, rolou repentinamente na arena, como ferido por um raio: tinha-lhe rebentado um aneurisma!

Joanna Caron permanecia n'um completo accesso de hilaridade desde manhã á noite. Mas o mais triste do caso é que exploradores sem consciencia, vendo que o espectáculo devia ser attractivo, levaram a infeliz de feira em feira, com grande gudio do publico ignaro, que se ria a bandeiras despregadas da triste enfermidade da rapariga, que se ficou rindo desde a idade de quinze annos, em que se lhe manifestou a mortificadora doença, até aos vinte e cinco em que morreu. A sua vida foi, pois, uma gargalhada continua.

Em Portugal tivemos nós a Maria Rita, que personifica o riso nacional, ás escancaras, aberto e forte. Vêde, pois, essa differença tremenda entre o riso claro e sereno de uma satisfação completa e o riso



Uma paragem...

mostrou-lhe uma fortuna consideravel. E em detalhe preciso: este homem nunca foi visto sorrir nem perto dos seus amigos mais intimos.

Amal no mesmo capitulo, ficou celebre Lamart, o famoso clonem francez, que esteve uma vez, por appozta, rindo-se quinze dias seguidos, de mandibula escancarada. Os seus exercicios em publico consistiam



Mais anjos

comprado, arranjado, pago a peso de ouro, que leva á congestão e á morte.

Nossa Senhora da Saude, uma vez cada anno, por e-te tempo transparente e lindo da primavera, sae á rua, com a sua eterna bondade e o seu luminoso sorriso, a dar-nos á alma um banho perpassado de felicidade...

(Clichés de Benoit)



Suas magestades e altezas dirigindo-se para a capella da Saude

FIGURAS E FACTOS



(Cliché Bobone)

CONDE DE VILLA NOVA DE CERVEIRA. — O illustre fidalgo, que falleceu na madrugada de 14 de abril, era o mais antigo camarista de sua magestade El-Rei. Contava 89 annos e era natural de Lisboa, 2.º filho dos condes d'Arcos. Como militar tomou parte em varias campanhas do constitucionalismo, entre as quas a Maria da Fonte.



(Cliché Bobone)

MARQUEZ DO FAYAL. — O novo camarista de sua magestade El-Rei, que substituiu o conde de Villa Nova da Cerveira.



BEATRIZ RENTE. — A actriz Beatriz Rente, fallecida no dia 17 de abril, era sociataria de 1.ª classe do theatro de D. Maria e uma das artistas mais conhecidas do nosso publico. O inicio da sua carreira theatral foi aos 13 annos, em Pastalegre, sua terra natal, n'uma recita de amadores.

Era das nossas mulheres de theatro a que possuia os mais lindos e velludosos olhos negros que tem brilhado nas fulgurantes constellações da arte scenica. No seu repertorio, que era vastissimo Beatriz Rente contava verdadeiras creações artisticas.



ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA. — Um dos mais illustres poetas portuguezes contemporaneos. Auctor do *Auto do Fim do Dia*, da *Raiz*, da *Ara*, das *Parabolas*. O seu ultimo livro agora publicado, *Tentações de S. Frei Gil*, uma obra prima



NOVO REFEITORIO DOS SARGENTOS DE INFANTERIA 1.—Inaugurou-se n'aquelle quartel, por iniciativa do sr. coronel commandante do regimento, Manoel de Sousa Machado, em 16 d'abril.



O MONUMENTO A BENTO DE GOES NA ILHA DE MIGUEL.—Na primeira dezena de abril reali-



de elevação poetica e philosophica, acaba de obter um grande exito de livraria.



O canteiro Firmino que construiu o monumento de Bento de Goes

sou-se em Villa Franca (ilha de S. Miguel) festas solemnes commemorando o tri-centenario de Bento de Goes, que foi o primeiro viajante portuguez no Cathayo e uma das maiores glorias da historia e da geographia universalmente consagrada e reconhecida.

Os açorianos, querendo perpetuar a memoria do seu illustre conterra-

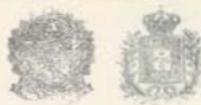


Monumento a Bento de Goes

neo mandaram elevar-lhe este monumento, que foi executado na officina do sr. Firmino, na rua do Bemfornio.



SEDATIVO BEIRÃO



ANTI-DYSMENORRHEICO

É o mais adequado e soberano medicamento para todos os sofrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrea). Cura ou allivia as cólicas uterinas e dos ovários, as dores reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros; náuseas, vomitos, diarrhéa, abate a elevação do ventre por accumulação de gazes, a turgidez das veias das pernas e das hemorrhoidarias que muito complicam as menstruações irregulares. O Sedativo «Beirão» actua com especialidade sobre o utero, órgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa as suas funções e é muito eficaz na stasia dos ovários e na oemidação ou fraqueza do utero. É indispensavel na amenorrea accidentar ou suspensão subita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. O Sedativo «Beirão» contém propriedades tónicas, astringentes e antisepticas, muito efficaces para debellar o fluxo branco-uterino (leucorrhéa).

O Sedativo «Beirão» é de grande valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas visceras que, quando invertido, é origem e sustentaculo de graves perturbações gastro-intestinaes, diminue a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio de circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e outras molestias que sobrevem na cessação final dos menstros n'esta mudança da vida da mulher. O Sedativo «Beirão» não é contra indicado nas molestias uterinas e oos ovários que dependem de lesões d'aquelles órgãos ou de intervenção cirurgica.

Depositos autorisados: Em Portugal: Pharmacia Liberal—Avenida da Liberdade, 167, Lisboa.—Pharmacia do Padrão—Rua Formosa, 10, Porto.—Inglaterra e colonias: Mr J. Wiman.—Export Druggist, 58 e 59, Bunhill Row London, E. C.

Prix du Flacon: huit francs. Franco pour tous les pays de l'Union postale, contre mandat de poste adressé a Marciano Beirão, Avenida da Liberdade, 167—Lisbonne.

O principio e seguimento das minhas regras mensaes foi sempre annuciado e acompanhado de perturbações que constituam para mim um verdadeiro martyrio e muitas vezes perdia os sentidos. Foi n'uma d'estas crises que o meu medico assistente, o ex.^{mo} sr. dr. Arantes Pereira, me prescreveu o Sedativo Beirão anti-dysmenorrhéico, cujos effeitos calmantes se não cessaram esperar.

Tenho repetido a uso d'este arradavel remedio, uma semana em cada mez, e noto com verdadeira surpresa que as regras apparecem agora regularmente e sem dores.

Nem nos remedios caseiros nem das pharmacias jamais conseguí um allivio.

Porto, rua de S. Lazaro, 136, em 30 de novembro de 1903.—Escilla Aurelia Fernandes.

(Segue o reconhecimento do tabellão A. Borges d'Aveitar.)

Instructions pour l'usage en portugais, en espagnol, en français, en anglais, en italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hébraïque.

A mais importante casa de automoveis em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.^a Representante de PEUGEOT A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

A mais perfeita imitação ate hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 4000 réis o par. Lindos collares de perolas a 15000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei.

Não confundir a nossa casa

Agente em Paris: - Camille Lipman, 26, Rue Vignon

Sociedade Portuguesa de Seguros

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

..... Séde em Lisboa = 32, Rua do Ouro, 32

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

VICTORINO VAZ JUNIOR — CONDE DE SILVES — ANTONIO MARIA D'OLIVEIRA BELLO JUNIOR
— CARLOS REINKE — JORGE O'NEILL — J. W. N. BLECK — MARQUEZ DE GOUVRIA

CONSELHO FISCAL

CONDE DA GUARDA — ANNIBAL VAZ — ANTONIO SERRÃO FRANCO — FERNANDO D'OLIVEIRA BELLO
— MANUEL JOAQUIM ALVES DINIZ — *Gerente*: R. PEIXOTO

5:000\$000 (Cinco contos de réis)

EM INSCRIPÇÕES

Distribuido como bonus aos segurados portadores das suas apolices contra o risco de incendio em Portugal e ilhas e em vigor no dia 30 de Dezembro de 1907

1 de 2:000\$000

1 de 1:000:000

2 de 500\$000

5 de 200\$000

O sorteio será feito entre os numeros das proprias apolices, entrando n'esse sorteio com igual direito ao bonus todas as apolices em vigor no dia 30 de Dezembro de 1907, qualquer que seja o CAPITAL SEGURO e QUALQUER QUE SEJA A DATA DA APOLICE. D'este modo aproveitarão não só todos os actuaes segurados da Sociedade, como todos aquelles que com ella effectuarem contractos até 30 de Dezembro do corrente anno, tendo a vantagem de segurar contra o risco de incendio os seus haveres, mobilias, estabelecimentos e predios, pelos premios mais resumidos n'uma companhia de 1.^a ordem, participando ao mesmo tempo nos importantes bonus que a SOCIEDADE PORTUGUEZA DE SEGUROS resolveu distribuir.

Para quaesquer esclarecimentos dirigirem-se á

Séde da Sociedade em Lisboa

Rua do Ouro, 32

e a qualquer das agencias da Sociedade nas provincias de Portugal e Ilhas